

Efeito Palocci chega ao Senado

Ministro rebate críticas, diz que pilar da economia não muda e agrada oposição e radicais

Martha Beck e Valdez Caetano

BRASÍLIA

Em audiência pública que durou mais de seis horas ininterruptas na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, pacificou os senadores em relação à condução da economia e deixou claro que, mesmo com as críticas de adversários políticos e da base aliada, os pilares da política econômica não podem e não vão mudar. Ele disse que se o governo tentar queimar etapas haverá um preço a ser pago. O recado de Palocci foi eficiente. Dos senadores mais radicais da oposição aos rebeldes da base aliada, todos rasgaram elogios ao ministro, que provocou no Senado efeito semelhante ao verificado no mercado em momentos de crise: o ministro fala e a Bolsa sobe.

Palocci afirmou aos senadores que a estratégia do governo não é fazer com que a economia cresça apenas em 2004, mas também nos próximos anos:

— A política econômica nos seus pilares não vai mudar, não pode mudar, não deve mudar. Não podemos mudar de caminho na primeira inquietação. Os pilares não podem mudar para o próprio bem do país. Seremos um país responsável de longo prazo.

Segundo ele, o governo fez um ajuste fiscal duro em 2003 para combater a inflação e ordenar a evolução da dívida pública. Para ele, o objetivo este ano é aumentar a musculatura da economia para que o Brasil possa “se debruçar sobre o crescimento de longo prazo com inclusão social”:

— Se não tivéssemos combatido a inflação, estaríamos numa crise sem precedentes. Não sei o que seria da renda dos brasileiros se não tivéssemos feito ajustes em 2003.

O ministro alertou para o fato de que não se deve fazer mudanças bruscas de rumo na política econômica, pois o preço pode ser alto.

— O Brasil já tentou queimar etapas e buscar objetivos vigorosos, mas o resultado sempre veio com um preço alto. O país precisa ter uma vida simples como a do trabalhador, que gasta o que ganha. Este caminho é o mais duro, mas é o único para a estabilidade de longo prazo. Se queirmos etapas vamos pagar o preço — disse.

A audiência, que começou por volta das 10h30m e terminou às 16h40m, teve um clima cordial e só foi suspensa uma vez por poucos minutos para que o ministro fosse ao banheiro. Palocci respondeu pacientemente às perguntas de 17 senadores e foi calorosamente elogiado por quase todos os inscritos.

As poucas críticas vieram do líder do PSDB, senador Arthur Virgílio, que acusou o governo de falhar na implementação de medidas microeconômicas e disse que a redução de 0,25 ponto percentual nos juros foi apenas uma medida cosmética. Palocci rebateu, afirmando que o governo enviou ao Congresso projetos importantes como o de Parcerias Público-Privadas e a Lei de Falências.

“Um tratamento médico não deve ser interrompido quando há pequena melhora do paciente. Isso vale para a economia”

ANTONIO PALOCCI

E ressaltou que a atual taxa de juros é bem mais baixa que a aplicada no governo passado. Em seguida, os principais pontos da audiência.

• **AGENDA:** O ministro disse que a agenda de 2004 é mais complexa que a de 2003, quando a maior preocupação era a busca da estabilidade macroeconômica. Este ano, o objetivo é fazer avançar uma pauta que inclui a redução do *spread* bancário, o marco regulatório dos setores de

saneamento e de energia, o microcrédito e a reforma do sistema brasileiro de defesa da concorrência.

• **MARCO REGULATÓRIO:** Palocci defendeu o trabalho da equipe econômica, mostrando gráficos com a evolução dos indicadores brasileiros, e alertou para a necessidade de avanços no marco regulatório para estimular investimentos em infraestrutura. Ele também defendeu a manutenção da meta de superávit primário de 4,25% do PIB nos próximos anos. “Temos que buscar um ambiente favorável para os negócios por meio do estabelecimento do marco regulatório. Não precisamos fazer muito para que o Brasil cresça em 2004, mas sim muito para que ele cresça nos próximos anos”.

• **IMPOSTOS:** O ministro afirmou que o governo já conseguiu atingir entre 40% e 50% de seus objetivos com a reforma tributária, mas lembrou que ainda há muito a ser feito.

“Se nós não tivéssemos colocado açúcar, o café estaria mais amargo para os trabalhadores”

ANTONIO PALOCCI

Ministro da Fazenda, em depoimento ontem no Senado

Ele citou como exemplo de medidas positivas as mudanças na cobrança de PIS e Cofins, que deixou de ser cumulativa, e o início da cobrança desses tributos sobre produtos importados. “Nós vimos que não era possível prometer uma redução da carga tributária, mas podíamos mexer na qualidade dos impostos. Por exemplo, vimos que o PIS/Cofins cumulativo agia como um veneno”.

• **JUROS E JOSÉ ALENCAR:** Palocci

disse que as críticas ao governo, tanto de aliados quanto da oposição, são positivas porque mostram interesse em que o Brasil melhore. Ele disse que não acredita que as críticas tenham o objetivo de desestabilizá-lo no cargo. Segundo o ministro, os pedidos que, por exemplo, o vice-presidente, José Alencar, tem feito pela queda dos juros fazem parte de uma discussão sadia. “Triste de um governo que não recebe pressões para melhorar”.

• **ALÍVIO:** Ao fim do encontro, Palocci elogiou o debate no Senado: “Encontrei um clima de muito diálogo, um debate de altíssima qualidade com questões muito importantes do ponto de vista do ajuste econômico. A política econômica tem muito mais eficácia quando é compreendida como parte de um esforço não apenas de um ministro, mas do presidente da República, dos demais ministros, dos partidos do governo e da oposição”. ■